

CRIANÇAS SURDAS AUTISTAS: BARREIRAS, PRECONCEITOS E INCLUSÃO NA ESCOLA BILÍNGUE

Karoline Pereira Barros¹; Iago Ferraz Nunes²

¹Discente da Licenciatura em Letras-Libras da UFCA, Juazeiro do Norte/CE,,
karoline.barros@aluno.ufca.edu.br

²Docente da Licenciatura em Letras-Libras da UFCA, Juazeiro do Norte/CE,
iago.ferraz@ufca.edu.br

Introdução

A educação inclusiva tem se consolidado como um princípio fundamental das políticas educacionais contemporâneas, buscando garantir o direito à aprendizagem de todos os estudantes, respeitando suas singularidades linguísticas, culturais e cognitivas. Nesse contexto, a valorização da diversidade e da neurodiversidade torna-se essencial para a construção de ambientes escolares mais democráticos, acessíveis e equitativos.

A presença crescente de crianças surdas autistas nas instituições de ensino tem evidenciado desafios significativos relacionados à inclusão, ao respeito às diferenças e à superação de práticas excludentes. Pesquisas indicam que, mesmo em escolas bilíngues de surdos, ainda há dificuldades na compreensão da neurodiversidade, o que favorece o surgimento de atitudes de estranhamento, resistência e preconceito por parte de alunos e profissionais da educação (Antunes; Peregrino, 2025; Donida; Olin, 2025). Segundo Antunes e Peregrino (2025), o convívio com a neurodiversidade revela um ambiente complexo, no qual coexistem práticas de acolhimento e manifestações de discriminação, tornando o trabalho pedagógico cada vez mais desafiador.

Essa realidade está relacionada a um histórico social marcado por processos de medicalização, exclusão e silenciamento. De acordo com Donida e Olin (2025), pessoas surdas autistas foram, durante muito tempo, compreendidas a partir da lógica da “deficiência múltipla”, o que contribuiu para a negligência de suas especificidades linguísticas, cognitivas e socioculturais. Essa perspectiva reducionista comprometeu a construção de práticas educacionais sensíveis à diversidade e reforçou estigmas no contexto escolar.

No âmbito da escolarização, essas concepções impactam diretamente o desenvolvimento linguístico dos estudantes. A aquisição da Língua Brasileira de Sinais pode apresentar desafios específicos para crianças surdas autistas, em razão das demandas perceptivas, motoras e articulatórias da modalidade gestual-visual. Conforme aponta Carneiro (2020), tais características podem interferir no processo de apropriação linguística, exigindo o desenvolvimento de estratégias pedagógicas diferenciadas, acessíveis e alinhadas às particularidades desses sujeitos.

Diante desse contexto, o presente estudo delimita-se à análise da escolarização de crianças surdas autistas na educação básica, com foco nas manifestações de preconceito, nas práticas pedagógicas e no desenvolvimento linguístico. A relevância da pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar o debate sobre inclusão, formação docente e respeito à neurodiversidade no ambiente escolar. Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é analisar os desafios enfrentados por crianças surdas autistas no contexto educacional, a partir da literatura científica. Temos ainda, por objetivos específicos: identificar as principais formas de

preconceito; discutir os impactos no processo de aprendizagem e investigar as contribuições da educação bilíngue e refletir sobre estratégias pedagógicas inclusivas.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, a qual consiste na análise crítica e interpretativa de produções científicas sobre determinada temática, sem a pretensão de esgotar todas as publicações existentes, mas buscando compreender tendências, conceitos e contribuições relevantes (Gil, 2025). A revisão bibliográfica narrativa permite o levantamento, a sistematização e a interpretação de estudos já publicados, contribuindo para a compreensão aprofundada do objeto de investigação, a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Nesse sentido, conforme destaca Gil (2025), as pesquisas narrativas utilizam diferentes fontes e instrumentos de obtenção de dados, como documentos, observações e relatos, o que amplia as possibilidades de análise e favorece uma compreensão mais abrangente do fenômeno investigado.

A busca das produções científicas foi realizada nas seguintes bases e plataformas digitais: Google, Google Acadêmico, Portal de Periódicos da CAPES e Minha Biblioteca Virtual. Foram utilizados descritores como “crianças surdas autistas”, “surdos neurodivergentes”, “educação bilíngue de surdos”, “autismo e surdez” e “preconceito em surdos autistas”, combinados de diferentes formas.

Inicialmente, foram localizadas aproximadamente 12 publicações relacionadas ao tema. Todos os materiais foram baixados e inseridos na plataforma *Rayyan*, utilizada para organização, triagem e seleção dos estudos. Nessa etapa, procedeu-se à leitura dos títulos e resumos, visando identificar a pertinência dos trabalhos em relação aos objetivos da pesquisa. Foram excluídos os estudos que não apresentavam relação direta com a temática de surdos autistas no contexto escolar da educação bilíngue, que possuíam duplicidade ou que não abordavam o contexto educacional.

Após o processo de triagem, 6 publicações foram selecionadas para análise aprofundada, por apresentarem maior relevância teórica, metodológica e empírica para o desenvolvimento do estudo. Os textos selecionados foram analisados por meio da elaboração de fichamentos, nos quais foram registradas e sistematizadas as partes que abordavam especificamente a vivência do surdo autista na escola bilíngue, bem como aspectos relacionados às práticas pedagógicas, ao preconceito e à inclusão educacional.

Resultados e Discussões

A análise das publicações selecionadas evidencia que a escolarização de crianças surdas autistas é atravessada por desafios que envolvem preconceito, formação docente, desenvolvimento linguístico e fragilidade das políticas públicas. Os estudos analisados convergem ao apontar que, embora existam avanços no campo da educação inclusiva, ainda persistem barreiras estruturais e atitudinais que dificultam a efetivação de práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas.

Nesse sentido, Antunes e Peregrino (2025) compreendem o preconceito como um fenômeno não dialógico, sustentado por juízos prévios e generalizações, que bloqueiam a compreensão da alteridade. Para as autoras, o preconceito não se limita a atitudes explícitas, mas manifesta-se também de forma velada, por meio da piedade, da comiseração e da medicalização excessiva. Essa perspectiva dialoga com Donida e Olin (2025), ao afirmarem que surdos autistas foram historicamente enquadrados na lógica da “deficiência múltipla”, o que contribuiu para sua invisibilização e para a negligência de suas especificidades. Ambos os

estudos concordam que o olhar biomédico e classificatório ainda exerce forte influência sobre as práticas educacionais. No entanto, enquanto Antunes e Peregrino (2025) enfatizam as relações sociais e os efeitos emocionais do preconceito no cotidiano escolar, Donida e Olin (2025) aprofundam a discussão ao inserir a temática no campo da neurodiversidade afirmativa e do modelo social da deficiência. Assim, observa-se uma complementaridade entre os autores, que ampliam a compreensão do fenômeno a partir de diferentes enfoques teóricos.

No que se refere ao desenvolvimento linguístico, Carneiro (2020) destaca que crianças surdas autistas podem apresentar padrões atípicos na aquisição da Libras, como a reversão de movimentos e dificuldades na referência pronominal. Para o autor, tais características não devem ser interpretadas como incapacidade, mas como expressão de necessidades específicas que exigem avaliação adequada e intervenções pedagógicas planejadas. Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Pereira (2023), que aponta a escassez de estudos sistematizados sobre o desenvolvimento linguístico de surdos autistas e a fragilidade das estratégias de intervenção existentes. Ambos os autores concordam quanto à importância de intervenções precoces, do estímulo contínuo à Libras e do acompanhamento especializado. Entretanto, Pereira (2023) enfatiza de forma mais direta a ausência de políticas públicas e de dados empíricos consolidados, enquanto Carneiro (2020) concentra-se nos aspectos linguísticos e avaliativos. Dessa forma, observa-se que os estudos se complementam, ao evidenciar tanto a dimensão pedagógica quanto a estrutural do problema.

No campo da formação docente, Lopes e Matos (2023) revelam, por meio de dados quantitativos, que a maioria dos professores que atuam com alunos surdos autistas é ouvinte e possui formação em nível de pós-graduação. Apesar disso, as autoras apontam que grande parte das teorias aprendidas na universidade não dialoga com a realidade da sala de aula, dificultando a atuação pedagógica. Esse resultado converge com Antunes e Peregrino (2025), ao destacarem a angústia docente diante da neurodiversidade e a insegurança no planejamento pedagógico. De forma semelhante, Costa e Lione (2020) defendem o uso de materiais estruturados e recursos visuais como estratégia para favorecer a alfabetização de surdos autistas. As autoras ressaltam, contudo, que a precarização da escola pública, a falta de tempo para planejamento e a insuficiência da formação inicial limitam a aplicação dessas propostas. Assim, seus argumentos reforçam as análises de Lopes e Matos (2023), ao evidenciarem que a formação continuada é condição essencial para a inclusão efetiva.

Ao comparar os estudos, observa-se que há consenso entre os autores quanto à centralidade da formação docente, da valorização da Libras e da necessidade de práticas individualizadas. Não foram identificadas discordâncias diretas entre os pesquisadores, mas diferenças de enfoque. Enquanto alguns privilegiam a dimensão social e identitária (Antunes; Peregrino, 2025; Donida; Olin 2025), outros enfatizam os aspectos linguísticos (Carneiro, 2020; Pereira, 2023) ou pedagógicos (Lopes; Matos, 2023; Costa; Lione, 2020). Essas abordagens, longe de se contradizer uma com a outra, constroem uma visão multifacetada da escolarização de surdos autistas.

Do ponto de vista desta pesquisa, considera-se que a articulação entre esses diferentes enfoques é fundamental para compreender a complexidade da inclusão. A análise dos estudos permite afirmar que não basta garantir o acesso físico à escola ou a presença da Libras no currículo. É necessário promover uma mudança de mentalidade, combater o preconceito institucionalizado, investir na formação docente e valorizar as potencialidades dos estudantes surdos autistas.

Além disso, os resultados indicam que a medicalização excessiva e a busca constante por laudos tendem a deslocar o foco do processo educativo para uma lógica de normalização, em detrimento da construção de práticas pedagógicas sensíveis à neurodiversidade. Nesse sentido, concorda-se com Donida e Olin (2025) ao afirmarem que a experiência do surdo autista não pode ser simplificada nem fragmentada, precisa ser adaptada com práticas pedagógicas

focadas para o surdo autista, utilizando a prática bilíngue e métodos que se alinhe com a neurodiversidade, especialmente o autismo.

Por fim, observa-se como limitação da literatura analisada a escassez de pesquisas empíricas de longo prazo, a ausência de dados sistematizados sobre resultados educacionais e a pouca participação de pesquisadores surdos nos estudos. Essa lacuna compromete a formulação de políticas públicas mais consistentes e reforça a necessidade de novas investigações na área. Dessa forma, os resultados e discussões evidenciam que a inclusão de crianças surdas autistas depende da articulação entre políticas públicas, formação docente, valorização da Libras, combate ao preconceito e reconhecimento da neurodiversidade como princípio educativo.

Conclusões

Este estudo analisa os desafios enfrentados por crianças surdas autistas no contexto escolar bilíngue. Os resultados demonstram a presença de barreiras comunicacionais, pedagógicas e atitudinais. O preconceito manifesta-se por meio da estigmatização, da medicalização e da baixa expectativa em relação à aprendizagem. A literatura evidencia a fragilidade da formação docente para o atendimento à neurodiversidade.

A pesquisa confirma a importância da valorização da Libras no processo educacional. O Atendimento Educacional Especializado Bilíngue contribui para a inclusão dos estudantes surdos autistas. As práticas pedagógicas inclusivas voltadas para o surdo autista favorecem a participação e o desenvolvimento dos alunos.

O estudo aponta a necessidade de formação continuada dos profissionais da educação, uma vez que a escola bilíngue assume papel central na promoção do respeito às diferenças. Nesse cenário, a construção de ambientes acessíveis amplia as oportunidades educacionais e fortalece a participação dos estudantes, enquanto a superação do preconceito depende do compromisso institucional com práticas efetivamente inclusivas.

Além disso, a pesquisa reforça a relevância de novos estudos sobre a relação entre surdez e autismo, considerando que a produção científica contribui para o aprimoramento das políticas públicas e para o aperfeiçoamento das ações pedagógicas. Desse modo, a educação inclusiva engatinha na direção de ser garantida enquanto direito fundamental de dever coletivo.

Palavras-Chave: Surdez; Autismo; Neurodivergência; Educação Bilíngue.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ana Luisa; PEREGRINO, Giselly dos Santos. Neurodiversidade, surdez e preconceito na escola. **Revista Arqueiro**, Rio de Janeiro, v. 48, 2025. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-arqueiro/article/view/1964>. Acesso em: 25 fev. 2026.

LOPES, Raquel Aparecida; MATOS, Carine Gurunga de. Perfil De Professores De Alunos Surdos Com Autismo Em Espaços Escolares Bilíngues. **Communitas**, Rio Branco, v. 7, n. 17, p. 238–250, 2023. DOI: 10.29327/268346.7.17-17. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/6550> . Acesso em: 25 fev. 2026.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Crianças surdas autistas na escola: algumas considerações sobre a aquisição de linguagem e o acolhimento institucional. In: FRANÇA, George; PINHO, Katia Rose (org.). **Autismo: tecnologias e formação de professores para a escola pública**.

Palmas: i-Acadêmica, 2020. p. 187-203. DOI: 10.5281/zenodo.4398918. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/348976352> . Acesso em: 25 fev. 2026.

COSTA, Dora Vieira da; LIONE, Viviane de Oliveira Freitas. Material Estruturado Para Alfabetização De Alunos Surdos-Autistas A Partir . **Communitas**, Rio Branco, v. 4, n. 7, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/3805> . Acesso em: 25 fev. 2026.

DONIDA, Lais Oliva; OLIN, Aline. **Surdos autistas, autistas surdos: a necessidade de supressão entre os conhecimentos produzidos socialmente**. REIN – Revista Educação Inclusiva, Campina Grande, v. 6, n. 1, 2025. Disponível em: https://revista.uepb.edu.br/REIN/pt_BR/article/view/4199. Acesso em: 25 fev. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Pesquisa qualitativa básica**. Editora Vozes, 2025.

PEREIRA, Helen Maia. **Um estudo sobre o desenvolvimento linguístico de surdos autistas: estratégias, intervenções e desafios**. 2023. 39 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Libras, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2023.

